



O POLITÉCNICO

GRÊMIO POLITÉCNICO • ANO LXXXI • SÃO PAULO, SETEMBRO DE 2024 • EDIÇÃO 03

Jornal O PolitécnicO comemora 80 anos de existência

Um dos jornais universitários mais antigos do Brasil, O PolitécnicO, da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP), completa 80 anos em plena atividade. (Sim, este jornal que você tem em mãos é de certa forma a síntese de 80 anos de história). Para celebrar a data, a Biblioteca Latino-Americana Victor Civita, do Memorial da América Latina, recebe entre os dias 18 e 30 de setembro uma exposição com alguns dos exemplares históricos deste jornal, por onde passaram estudantes da Poli-USP que mais tarde se tornariam figuras célebres no Brasil, como o ex-

critor do célebre texto "A Escola dos Homens Tristes", e Adolfo Lemes Gilioli (1921-2012), fundador deste jornal da Academia Linense de Letras, em sua cidade natal, Lins.

Fundado em 1944 por estudantes da Poli-USP, O PolitécnicO nasceu em plena ditadura do governo Getúlio Vargas como um boletim informativo já muito combativo e atuante, mesmo não podendo receber anúncios para custear as despesas da publicação.

Nos seus 80 anos de existência, O PolitécnicO testemunhou, influenciou, documentou e se

rante o regime militar, no início dos anos 1970; o "show proibido" de Gilberto Gil na Poli, em 26 de maio de 1973, como denúncia da juventude universitária contra a repressão política e social; o movimento das Diretas Já, entre os anos de 1983 e 1985; a aprovação da Constituição de 1988, que inaugurou um novo momento jurídico e institucional no Brasil, com a ampliação das liberdades civis e dos direitos e garantias individuais; isso e muito mais até chegar à recente pandemia de Covid-19, quando alunos da Poli, junto ao Instituto de Física e à comunidade científica da

O PolitécnicO Jogou!

Dos mesmo criadores de OPL e OPV, vem aí: OPJ - O PolitécnicO Jogou! Analogamente às outras duas colunas, traremos avaliações e impressões sobre jogos. Nesta edição, Outer Wilds, Gris e War Thunder. Confira!

ARTE E CULTURA/PÁGS. 6 e 7

Semana de Arte na Poli!

Os preparativos para a 36ª Semana de Arte na Poli já começaram e você não pode deixar de participar! São reuniões semanais, todas as quintas-feiras, às 11:00 no Grêmio. Na contracapa, você descobre um pouco mais sobre a SAPO (que ocorrerá entre os dias 29/10 e 01/11) e por que a sua existência é tão importante no ambiente politécnicO e uspiano!

ARTE E CULTURA/PÁG. 16



Texto Frankenstein

Confira "Opus Suendi" - do latim, "Trabalho de Costura" -, um texto escrito em conjunto pelos membros da Equipe Editorial; cada parágrafo foi escrito por um integrante diferente!

CONTOS E CRÔNICAS/PÁG. 3

versitário na sociedade brasileira, no dia 18 de setembro, às 12h, com a presença de profissionais da imprensa, figuras públicas e professores e alunos da USP.

A Biblioteca Latino-Americana Victor Civita fica no Memorial da América Latina, na Av. Mário de Andrade, 664, na Barra Funda, próximo à Estação Palmeiras-Barra Funda do metrô. Ela abre de segunda a sexta-feira, das 10h às 17h, no sábado, das 10h às 15h, e a entrada é franca.

Diego Roiphe de Castro e Melo,
Engenharia Civil, 2º ano.

Venha revisitar a história de São Paulo, da USP e do Brasil por meio do acervo d'O PolitécnicO

80 Anos
Jornal
O PolitécnicO

DE 18 A 30
DE SETEMBRO

Na Biblioteca Latino-Americana

ABERTURA DIA 18 DE SETEMBRO ÀS 12:00 COM CONVIDADOS ILUSTRES

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ACESSE @JORNALOPOLITECNICO NO INSTAGRAM

ACESSE O JORNAL O POLITÉCNICO E CONFIRA AS MELHORES NOTÍCIAS



-governador de São Paulo Mário Covas (1930-2001), o ator Carlos Zara (1930-2002) e seu irmão, o ex-deputado federal Ricardo Zarattini Filho (1935-2017), o fotógrafo Thomaz Farkas (1924-2011), a empresária Cristina Junqueira (1982-), o empreendedor Pedro Wongtschowski (1946-), Luiz de Queiroz Orsini (1922-2018), professor emérito da Poli-USP, Paulo Blikstein (1972-), professor na Universidade Colúmbia, nos Estados Unidos (e es-

posicionou a respeito de fatos históricos de grande importância para o país, como o movimento O Petróleo é Nosso, retratando as opiniões dos estudantes e o embate com a elite então chamada de "entreguista"; a Campanha Paula Souza para alfabetização de adultos, iniciativa do Grêmio PolitécnicO; o golpe de Estado de 1964 no Brasil, quando marcou forte oposição ao militarismo e à suspensão de direitos civis; a prisão de estudantes da USP du-

USP, contribuíram com a divulgação de informações técnicas e médico-científicas confiáveis, com linguagem mais acessível à população geral, e com a criação de ventiladores pulmonares artificiais e a sua manutenção corretiva, cruciais para salvar milhares de vidas.

Além da exposição das edições históricas deste periódico, haverá um painel de abertura sobre o papel do jornalista na atualidade e a importância do jornalismo uni-



Editores-chefes: Pedro Paulo Caramori Lanza e Diego Roiphe de Castro e Melo

Equipe Editorial: Agatha Marcílio, Alice Cracasso, Arthur Trovó, Arthur Mageski, Beatriz Bicudo, Beatriz Medeiros, Bruno Santos, Caio Castro, Cesar Vargas, Diego Roiphe, Eduardo Vieira, Felipe S. B., Felipe Quezado Palvarini, Flávio Hashimoto, Frederico Ribella, Gabriel Oliveira, Hugo Spadete Arrivabene, Igor Belo Amaral, Isabel Bernardes, Jobel Junior, Kayky Persan, Laura Carmieletto, Luiz Melo, Mateus Pina, Mike Roberto, Pedro Lanza, Rafael Varanda, Raquel Brito, Rodrigo Cirillo, Rodrigo Saito, Samuel Ducca, Tomas Wolffenbüttel, Vânia Laime, Vinicius Murbach, Vinicius Paschoal.

Diagramação: Pedro Paulo Caramori Lanza (Hoff)

REUNIÕES

Quando? Às quartas-feiras!

A que horas? 11h15min

Onde? No Grêmio!

CONTATO

 jornal.poliusp@gmail.com

 @jornalopolitecnico

ENVIE SEU TEXTO

jornal.gremiopolitecnico.com.br/envie-seu-texto
Ou nos entregue pessoalmente no Grêmio!

Editorial

O quadrado do onze

Fui graciosamente informado pelo calendário, que, com o fim do interminável agosto, veio também o aniversário do tal Grêmio Politécnico da USP. No dia primeiro, a entidade chegou a seus 121 anos – ou, para os fanáticos de exatas: onze ao quadrado. Para esses, o aniversário quadrático é um marco mais ou menos raro (acontecendo apenas pela décima primeira vez, e voltando a acontecer apenas daqui a 23 anos) e que mostraria a *potência* da associação de alunos da Politécnica. Para mim, porém, o aniversário palindrômico convida à recapitulação da história, de trás para frente.

A lenda reza que, na volta da festa de fundação do Centro Acadêmico XI de Agosto, os alunos Ranurpho da Mata Pinheiro Lima, João Vasques e Alexandre Albuquerque (o Grande), reunidos em uma mesa de bar, inspirados pelo CA do Direito – e, possivelmente, por alguns copos de cerveja, ou o que quer que bebesses à época –, decidiram fundar a entidade de representação dos politécnicos. Aqui fica também a curiosidade de que o Grêmio Politécnico é, inclusive, duas semanas mais velho que o "Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense", o que, pessoalmente, diria não ser uma coincidência. Diria, até, que, os

gaúchos, vendo no Grêmio de 1º de setembro o embrião de uma associação que faria muita história, decidiram aproveitar a onda e nomear da mesma maneira o clube de futebol, que também gosto de chamar de "Grêmio 2".

Se posso dizer que os amantes-do-esporte-bretão do Rio Grande do Sul já viram grandeza na recém-fundada entidade estudantil, não sei se é possível dizer o mesmo dos próprios fundadores da tal associação. Seriam tão visionários e confiantes a ponto de vislumbrarem um Grêmio centenário e marcadamente influente em grande parte da caminhada da nossa nação? Ou seriam plenamente despretensiosos e pragmáticos, fundando a entidade apenas por julgarem preciso e necessário? Nenhum dos cenários apequenaria o corajoso ato do trio politécnico, mas posso crer que o lançamento da pedra fundamental do Grêmio foi com uma certa "pretensão inocente": fruto da necessidade do momento, ao mesmo tempo que poderia ser a oportunidade de lavrar o terreno para que, no futuro, a comunidade politécnica pudesse ter voz e influência para além da própria Escola.

Assim dito, assim feito. De todos os feitos e projetos da entidade, destaco apenas al-

guns: a participação no movimento pela nacionalização da exploração do petróleo ("O Petróleo é Nosso"), a grande influência na criação de um plano nuclear brasileiro (com a atuação da Comissão de Energia Atômica do Grêmio e levando a campanha "não exportaremos o nosso futuro" a nível nacional), a construção da Casa do Politécnico (para abrigar estudantes de fora de São Paulo), a Campanha "Paula Souza" de Alfabetização de Adultos (pioneira no país, contando com ensino noturno), o Grupo de Teatro da Poli (GTP, hoje com quase 8 décadas de grande destaque no teatro universitário), o Escritório Piloto (e seus projetos de engenharia social), o Cursinho preparatório para vestibular (hoje Cursinho Popular da Poli-USP), o Poliglota Idiomas (para facilitar a internacionalização e desenvolvimento dos estudantes), a participação nos movimentos de resistência a ambas as ditaduras (de Vargas e a Ditadura Militar), a criação da UNE, UEE-SP e DCE da USP, a participação em congressos e encontros internacionais de estudantes e entidades estudantis (sempre almejando a união e luta conjunta), o Departamento de Livros e Publicações (que editou livros e apostilas aos alunos por muitos anos), o Banco Politécnico (que cedia empréstimos a juros baixíssimos e ajudava financeiramen-

te os alunos), a Semana de Arte na Poli (SAPO, neste ano em sua 36ª edição), a criação do fundo de endowment da Poli (hoje "Amigos da Poli"), a criação da própria AEP (Associação dos Engenheiros Politécnicos), e muito mais. Isso, é claro, além do constante auxílio aos alunos e da luta incansável e diária pelos direitos do corpo estudantil e por justiça (em âmbito interno e externo à universidade).

Tudo isso ficou registrado nas páginas da Revista Politécnica e deste Jornal O Politécnico, meios de expressão estudantil, dando voz a demandas e sendo espaço aberto de diálogo político, técnico, cultural e artístico, desde sua criação.

Que fique claro que, nestas linhas, não há uma espécie de auto-elogio, mas, antes, um alto elogio, à tão grandiosa e conquistadora entidade, que, construída por tantas pessoas ao longo da história é, mesmo, muito maior e mais importante do que qualquer um que algum dia teve "do Grêmio Politécnico" como aposto.

Por fim, apenas desejo que, em seu décimo primeiro *quadrado*, o Grêmio Politécnico dos alunos da Escola Politécnica da USP possa ser cada vez mais *multiforme*, honrando seu passado de conquistas e sabendo ser vanguarda, fazendo história a cada passo!

Diego Roiphe de Castro e Melo,
Engenharia Civil, 2º ano.

Contos e Crônicas

Opus Suendi

Este é um texto feito em conjunto pelos integrantes da Equipe Editorial do Jornal: cada parágrafo foi escrito por um membro diferente, e o tema foi decidido por quem iniciou o texto. O resultado é algo tão inesperado para vocês, quanto foi para nós!

Aproveitem este trabalho de costura!

Meu nome é Ozymandias, e sou Rei dos Reis: Desesperai, ó Grandes, vendo as minhas obras!". Este é o início do fim e, afinal, lembro-me bem dessas palavras: "se o problema não acaba, acabo eu". E nós acabamos em nós mesmos. E acabamo-nos, em nós mesmos. O sol arde em nossas faces, desta cujos filhos nunca vindos o salgado licor do ser haveria de enxugar. Os profetas desta terra, nenhum sequer, haveria de saber. Como acaba nossa história? Ora, como se nunca tivéssemos passado por aqui.

Nossa sorte foi a memória, não nossa mas da terra, a terra de nossas colheitas, nossas casas, nossas batalhas, nossas rezas, nossas lágrimas, do sangue daqueles que foram à luta e daqueles que na luta se foram, a memória ficou gravada, não por vozes, desenhos, estruturas erguidas no horizonte, mas pelas almas de nossos antepassados que pouco a pouco se amontoaram.

Fito em sonho os passados daquelas paisagens já acabadas, mergulhadas numa atmosfera mental de um cinza antipático,

que oprime a ilusão da história e faz-me reviver lucidamente a derrota inevitavelmente concretizada. As mãos das paredes dessa prisão atiram-me cinzas quentes, fragmentos de tudo o que foi perdido. Assisto da memória paisagens em preto e branco, um filme mudo e sem sentido que se repete indefinidamente. O amarelo do sol, irônico, reflete em minh'alma aquilo que restou do nosso mundo, e me traz à dor da consciência resquícios daquele dia, daquele um aviso, do desespero, da ruína – do fim. Medito, revoltado: e se a destruição não for mais que o fim apenas desta matéria que nos aprisiona, e as nossas almas, livres, continuarem a vagar por este mundo, nas lembranças daqueles que amamos, nos versos que escrevemos, nas ideias que produzimos? Então, nunca deixaremos de existir. Nada disso importa: eles nos destruíram. Por isso, apresentam-se-me mais perguntas. A vingança? Uma tentação que assombra a alma, mas não a liberta. A glória? Só mais um dos fantasmas que pairam sobre os escombros. E eu, prisioneiro deste labirinto interior, busco em vão um fio de esperança. Ouço, no silêncio do mundo, vozes sussurrando que o destino me reservou este papel: de fazer cessar a inexistência de nós: a este destino me atei, e dele não me libertarei. Não há escapatória.

Ando, pés descalços na areia, quem sabe para me conectar melhor com o que ali, algum dia que eu pareço mal conseguir

FOTO POR SAMUEL DUCCA (@SAMUKADUCCA)



lembrar, existiu. Se por vezes o passado forma apenas vago sonho, eventualmente topo com ele em forma tão material e verdadeira quanto meu próprio cansaço, essa água que de mim escorre. Pedras mexidas, um busto caído, estruturas faraônicas desmanteladas, tumbas surdas. Tudo isso que poderia ser apenas um "resto" subsiste envolto por um ar pesado e metafísico. Penso que é como se as almas daqueles faraós semideuses, daquele povo engenhoso e forte, ainda vivessem por entre aquelas ruínas, aquele pó de glória, ora esbarrando e rindo de mim, um tolo que anda sozinho nesse sem fim de grãos amarelados e quentes, debaixo de um Sol que parece querer se pôr, já mais alaranjado, olhando para um horizonte turvo. Sozinho.

Estendem-se nos céus, os claros das estrelas, e agora, esta terra é banhada pela luz gloriosa de mil sóis. Silêncio. Não se pode ouvir mais nada neste lugar. Não se pode ouvir a própria voz. Nossas vontades, como a areia, voam junto do zéfiro, que sopra sereno. Tempo. Aquele que subjuga a todos e a todos está reservado, não há como se opor. Nem mesmo Ozymandias, aquele que é o Rei dos Reis, poderia vencer. A existência é uma consequência deste, "perpetuação da vida, e iniciação do nada", continuo na areia a vagar. Os céus cintilantes, aqueles que viram tudo, viram o tempo, viram o passado e verão o futuro me chamam. Aqueles que sabem como tudo isso começou e como há de acabar. Muitos cobriam esse céu e sonharam com os teus mil sóis, porém, cegado por tal elegância, que escolha eu tenho, senão buscar a escuridão.

Em um instante, o horizonte se dobra sobre si mesmo, as estrelas vibram como cordas de um instrumento divino tocado por mãos invisíveis. Sinto-me sugado para dentro do vazio, um vórtice que gira e gira, até que me vejo caindo, despencando do que parecia ser o topo do mundo para um abismo sem fim. As cores desaparecem, e o calor do sol é substituído por um frio cortante, que rasga a carne como lâminas afiadas. Tudo é escuridão, e na escuridão, ouço risadas que não pertencem a este mundo, risadas que são ecos de uma maldade ancestral, talvez dos próprios deuses que se divertem às custas dos mortais.

De repente, meu corpo é interrompido em sua queda por uma força invisível, e sou suspenso no ar, como uma marionete nos fios de um destino caprichoso. À minha frente, surge uma figura colossal, envolta em névoas de sombra e luz, um ser que não é nem homem, nem deus, mas algo além de qualquer compreensão. Ele me observa com olhos que não têm fundo, e sinto que toda a história da humanidade, toda a dor, glória, esperança e desespero estão contidos naquele olhar sem fim. "Tu és nada, Ozymandias," a voz reverbera por toda a extensão do cosmos, sacudindo a minha alma. "Tu não passas de uma palavra perdida no vento, um eco de arrogância enterrado nas areias do tempo. Todo o teu poder, todo o teu orgulho, são pó. E o pó ao pó retornará." Subitamente, a figura desaparece, e me vejo de volta ao deserto, de pé entre as ruínas. As estrelas continuam a brilhar, indiferentes. Mas algo mudou. O sol, antes alaranjado, agora brilha novamente com uma luz implacável, branca como a neve. No entanto, percebo algo horrível: não há mais sombra sob meus pés. Olho ao redor, e vejo que tudo, inclusive eu mesmo, está desvanecendo, dissolvendo-se no ar, como se nunca tivesse existido. Então, compreendo a verdade: não sou Ozymandias, nunca fui. Não sou um rei, nem sou homem. Sou apenas a lembrança de uma lembrança, uma sombra do que poderia ter sido, um sonho que se sonhou e que agora, no esquecimento, desperta para a única realidade que me resta: o nada. O mundo nunca foi... a existência, apenas um jogo de ilusões. Não há tempo, nem espaço, nem memória. Nunca houve ruínas ou impérios. Apenas o eterno vazio que sorri, enquanto tudo se desfaz. Abraço a sua desolação.

Igor Belo Amaral,
Engenharia Mecânica, 2º ano.

Eduardo Vieira,
Engenharia Metalúrgica, 2º ano.

Felipe S. B.,
Engenharia de Produção, 1º ano.

Diego Roiphe de Castro e Melo,
Engenharia Civil, 2º ano.

Rodrigo Saito,
Engenharia Naval, 1º ano.

Arthur Trovó,
Engenharia de Produção, 2º ano.

Arte e Cultura

O Politécnic Viu: Turma da Mônica em Uma Aventura no Tempo

Turma da Mônica em Uma Aventura no Tempo é um filme de animação brasileiro dirigido por Mauricio de Sousa. Lançado em 2007, o longa conta a história de quando Franjinha, o cientista do Bairro do Limoeiro, descobre uma forma para se viajar através do tempo. Entretanto, durante um dos experimentos com a máquina, a Turma acaba por gerar uma confusão que dá início a toda trama do filme.

A animação que faz um mix de ficção científica e muito humor tem uma duração de 1 hora e 20 minutos, sendo disponibilizada gratuitamente pelos usuários da plataforma YouTube.

A Equipe Editorial do Jornal se reuniu para assistir o filme e, a seguir, disponibilizamos um compilado das resenhas feitas pelos membros.

Rodrigo Saito,
Engenharia Naval, 1º ano.

Um rock na abertura, piadas com o tempo (até demais) e um quadro do Dumont da parede do Franjinha fazem Turma da Mônica em Uma Aventura no Tempo ser um filme espetacularmente incrível. A forma como o enredo foi construído permitiu a existência dos pequenos arcos de cada personagem. Assim cada arco além de integrar diferentes gibis, como o Piteco, o Astronauta e o Papa-Capim, também cria tramas relacionadas a cada período histórico. Complementando tudo isso, temos o grande humor, a quase possibilidade de um Paradoxo de Bootstrap e toda a nostalgia de re-assistir o filme.

"Absolute Cinema"

Nota: 8/10



A Turma entrando na Máquina do Tempo

Diego Roiphe de Castro e Melo,
Engenharia Civil, 2º ano.

Confesso que não lembrava de já ter assistido esse filme antes, mas, enquanto as cenas foram passando e a história foi se desenrolando, veio a mim uma lembrança de um tempo mais colorido, em que as manhãs tinham barulho de desenho e gosto de achocolatado e não o irremediavelmente amargo gosto do café e o som do automóvel desgovernado que têm hoje em dia... Foi bom lembrar dessa infância; ruim foi perceber que a nostalgia é amiga indissociável da melancolia...

De qualquer maneira, Turma da Mônica é uma instituição brasileira, mais estável do que nosso próprio Estado, seguramente (ou infelizmente). Com um enredo encadeado e simples, os momentos de tensão têm uma solução suficientemente rápida para que não tenha sido um parto para minha mãe reassistir ao filme quantas vezes eu julgasse conveniente, como uma criança que leu

bem o roteiro e executa seu papel com maestria.

Foi bem interessante rever o desenho mais uma vez, despertando emoções esquecidas... Ao mesmo tempo, não é como se tivéssemos visto Edifício Master...

Nota: 6/10

Flávio Yuji Hashimoto,
Engenharia Elétrica, 1º ano.

Lançado em 16 de fevereiro de 2007, Turma da Mônica uma aventura no tempo conta a história da turminha, em um experimento do Franjinha, para buscar os quatro elementos e impedir o fim dos tempos. É um filme descontraído, divertido e confortável, sendo perfeito para os fãs dos gibis.

Nota: 7,5/10

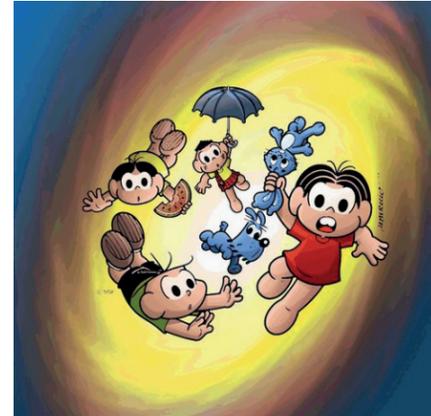
Persan

Esse filme traz nostalgia, com sua narrativa e seus personagens, e, mesmo não sendo um filme hiper mega

produzido e o ápice do cinema, ele é um bom besteiro para se lembrar da infância...

Nota: 7/10

DISTRIBUIÇÃO/BUENA VISTA INTERNATIONAL



Hoff,
Engenharia Elétrica, 2º ano.

Filme extremamente bem produzido; é, verdadeiramente, o ápice do cinema.

Evidentemente, o melhor filme já feito por mãos humanas (ainda me decidindo se também o incluo na categoria de "melhor filme já feito por mãos").

Ansioso pela parte 2.

Nota: 10/10

Indulgência negada

Caído, na chuva.
Na chuva que chora, em choros tombei
DELE existência cai como luva
"Menino magrelo, se queres ser rei
Atenta-te antes ao próprio umbigo
Pois um que deseja mudar o mundo, faceiro
E dele fazer um antigo inimigo
Precisa mudar a si mesmo primeiro"

Maldita pedra
que me fizeste cair
em pesadelos deixa-me ir
e dela se faz ladra
Maldito seja
o amor que senti
que no escuro permito partir
como uma luz que lampeja

Chuva que molha
o rosto do homem
que chora sozinho
lágrimas mornas
que as gotas que caem
das nuvens suprimem

Chuva não de H₂O, embora se compadeça dos
sentimentos
Encharca o corpo na ausência de vício
Chuva de C₈H₁₁NO₂, que varre os antigos frag-
mentos
Com sorriso lavado, do Diabo o auspício

"Mas, uma vez estrada, embora tortuosa, única.
Que adianta luxúria a fim de esquecer-se e voltar a
lembrar? Que adianta vagar pelos becos cujas placas
de entrada indicam seus fins?

Enquanto estrada única, se perde, parado, o tem-
po."

O homem se levantou. Sentiu a chuva lambe-lhe o
rosto e olhou para a estrada que ainda percorreria:
tortuosa, longa, difícil. Mas a única.

Punhos fechados, fortemente. Dentes cerrados.
Coração rápido.

Abriu o guarda-chuva.

Anatomia de mim

A vida é uma teia,
emaranhado de intersecções
do tempo
passado, presente, futuro,

e do eu
que era, que é, que será,
que nunca foi, que nunca
poderá ser.

Dialética d'alma turva,
síntese e antítese —
ser-me o que não sou,
não-ser o que é-se.

Sim, uma teia,
Sublime jogar de dados
esvoaçantes pelo espaço,
a vida é...

O estorvo da própria vida:
compreensão profunda do sentir,
sonho sôfrego de se realizar,
entrelaçar de infindos pontos.

Presa do universo,
imóvel em téia cósmica,
esse substrato ancestral,
em mim se confundem
eterno e casual,
e apaga-se-me a luz do porquê.

Profundíssimamente hipocondríaco,
empenho-me compreender
esse fluxo perpétuo,
lei de cruel tempo ímpar,
da contingência alucinante.

A vida —
abismo particular,
enigma a se desvendar,
— é uma teia.

Arte e Cultura

O PolitécnicO Jogou

Após o lançamento da OPL - "O PolitécnicO Leu", subcoluna de "Arte e Cultura" onde são escritas resenhas de livros lidos por politécnicos, a equipe editorial do Jornal decidiu estreiar nesta terceira edição de 2024 a OPJ - "O PolitécnicO Jogou", que, de forma similar, tem o intuito de expor opiniões, recomendações e comentários acerca de jogos jogados por politécnicos - sejam eles digitais ou não.

Sendo assim, aproveitem as reviews dos jogos desta edição: "Outer Wilds", "Gris" e "War Thunder"!

Outer Wilds



Tornados de água em um dos planetas de "Outer Wilds"

Igor Belo Amaral,
Engenharia Mecânica, 2º ano.

O que dizer sobre este jogo? Bom... pra começar, eu ainda não o terminei. Mas o leitor disporá de dois pontos de vista, pois um bom amigo do Jornal exporá o que acha alguém que já finalizou o game.

Pra começar, o jogo é fantástico, em todos os possíveis sentidos. A trilha sonora é arrebatadora (de vez em quando eu me peço associando o tema do jogo), os gráficos são muito bons e a arte é original e muito, muito mesmo, bela. Ao se deparar com os trailers e a sinopse do jogo você descobrirá que a temática promete uma riqueza de detalhes e, nesse sentido, posso lhe dizer que o jogo en-

trega.

Esse mesmo amigo que vos escreverá a segunda opinião, num momento apologético, me disse que para finalizar o jogo tudo que você precisa é o conhecimento necessário. O jogo não exige que você vá subindo de nível, ficando mais forte, angariando relíquias ou armas, você simplesmente precisa aprender o que é necessário fazer. Como pode-se imaginar, isso me fez criar grandes expectativas. Como essas expectativas ficaram? Destruídas. O jogo era melhor do que eu imaginava e ainda estou aprendendo nele. Meu amigo não só tinha razão, mas, sua descrição não poderia descrever completamente a experiência que o jogo proporciona.

Outer Wilds é uma obra-prim

DISTRIBUIÇÃO/ANNAPURNA INTERACTIVE

ma, uma jornada cósmica que se passa não só no espaço sideral, mas que representa conhecer a história e o universo interior dos seres que habitam esse mundo incrível.

Agora me dêem licença que eu vou jogar e, logo mais, eu volto pra dizer o que achei do final.

Nota: 10/10

Höff,
Engenharia Elétrica, 2º ano.

Imagine que você vive aqui no Planeta Terra. Fácil, não? Agora imagine que, além disso, uma raça de alienígenas seja real. Imagine que esses alienígenas na realidade já foram

extintos há muito tempo, mas, no passado, habitavam o nosso sistema solar, antes sequer da nossa própria existência.

Imagine que eles eram de uma raça muito inteligente, e chegaram a ir em todos os planetas do Sistema Solar, deixando construções para trás, incluindo uma estação espacial solar, que orbita o sol até os dias de hoje, uma outra em Júpiter e, em outros planetas, diversas ruínas e livros com inscrições misteriosas em uma língua desconhecida.

Não se sabe o motivo de eles terem sido extintos e desaparecido, e as inscrições que eles deixaram para trás não são compreendidas por nós... até que, então, um dispositivo capaz de traduzir essas inscrições é finalmente criado pela humanidade e, você, como um jovem astronauta, vai ser o primeiro a sair com sua nave por aí e usá-lo, para finalmente descobrir os mistérios do Sistema Solar, e o que aconteceu com essa antiga raça alienígena. Por que eles desapareceram? O que eles estavam tentando fazer com a Estação no Sol? Qual a relação deles com uma estranha Lua Fantasma que aparece apenas às vezes no céu?

Outer Wilds é um jogo de exploração espacial que se passa nesse contexto, e se eu tivesse de falar todos os motivos pelos quais esse jogo é uma obra-prima, esse texto provavelmente nunca teria um fim. O jogo te dá total liberdade para sair por aí indo onde você quiser (não igual Starfield, que você seleciona um planeta e teleporta pra lá; aqui, você controla a sua nave diretamente - cuidado pra não cair no Sol!), e o foco do jogo é são mistérios do universo onde ele se passa.

O Sistema Solar conta com vários planetas nos quais você descobre segredos antigos e, diferente de outros jogos, onde você adquire um item para avançar, em Outer Wilds, você adquire conhecimento. Tome-mos como comparação Hollow Knight, que é um jogo que gosto muito. Em jogos como esse, você precisa de certos itens para avançar em algumas partes do mapa, e fazer progresso. Por exemplo, em um momento do jogo, há um pulo, para atra-

vessar uma parte do mapa, que é impossível de ser feito, pois você não tem ainda o item de "double jump". Mais para frente no jogo, você adquire esse item e então pode voltar nessa área e realizar o pulo, o que desbloqueará uma nova área para exploração. Outer Wilds faz isso de um jeito um pouco diferente (e muito mais genial). É como se você SEMPRE tivesse o double jump. Você só não sabe como usar. Você, como player, não tem o conhecimento de como o usar. Se você fosse só um pouquinho mais esperto, você poderia ter deduzido como fazer aquele pulo desde o início, mas o jogo é sempre mais esperto que você, e você acaba não descobrindo como o fazer. Você deve explorar o mapa e encontrar informação, adquirir *conhecimento*, para então voltar atrás e progredir.

DESENHO: DAN BRINDLEY JOHNSON



Farei uma analogia para ilustrar melhor essa ideia, pois qualquer spoiler deste jogo estraga a experiência. Imagine que existe um labirinto circular, e que ninguém nunca conseguiu chegar no centro dele. Todos que tentam o fazer, passam pela entrada do labirinto e caminham em direção ao centro mas sempre acabam novamente na entrada, não importa o caminho que tomem; é como se o labirinto mudasse todas as vezes que alguém o tenta resolver, sempre conduzindo este alguém para a entrada, de novo e de novo - mesmo que de formas diferentes. Como chegar no centro? Ora, talvez, se você tentar resolver o labirinto de costas, você consiga o alcançar. Por quê? Porque você agora está olhando para o caminho de onde você veio - para a entrada -, e não para o caminho para onde você vai. Dessa forma, é impossível que o labi-

Arte e Cultura

rinto mude de forma e o conduza de volta à entrada, pois você está olhando para o caminho que leva a ela. Desde o início, você poderia chegar no centro se fizesse isso, mas por que diabos alguém tentaria resolver um labirinto andando de costas?! Você não tinha o *conhecimento* de que era assim que as coisas deveriam ser feitas. Mas você *sempre pôde* as fazer. E para adquirir o conhecimento, você precisa explorar outras partes do Sistema Solar, até descobrir, talvez lendo em uma inscrição: “sabe aquele labirinto lá que ninguém consegue chegar no centro? É só andar de costas”. Outer Wilds é mais ou menos assim, mas de um jeito melhor (até porque o meu exemplo ficou esquisito, mas não

consegui pensar em nada que fizesse mais sentido).

Em suma, para que esta análise não fique muito maior do que deveria, Outer Wilds é o meu jogo favorito (ao lado de Undertale), e é um daqueles jogos que só é possível jogar uma vez (é uma experiência), afinal, depois que você já tem todo o conhecimento do jogo, você pode zerá-lo em 10 minutos ou menos. É justamente por isso que evitei ao máximo dar qualquer spoiler nessa review - qualquer spoiler arruína a experiência. Evitem a todo o custo pesquisar sobre o jogo ou ler reviews (como essa, ironicamente), se pretendem jogar. Só compre e caiam de cabeça.

Nota: 10/10

Gris



DIVULGAÇÃO/NOMADA STUDIO

Beatriz Medeiros da Silva,
Engenharia Civil, 2º ano.

Gris é facilmente um dos meus jogos indies preferidos, tanto pela arte do jogo, que foi feita inteiramente à mão com aquarela - amo a magia que a tinta traz -, quanto pela história comovente e marcante.

Uma vez ouvi de uma streamer que estava começando no mundo dos games, que você só se torna de fato um “gamer” depois de passar pela experiência de jogar e terminar Gris, o que não é mentira. O jogo transmite diferentes sensações, emoções e sentimentos a partir da visão da personagem principal: Gris, uma jovem que está passando pelos estágios do luto após a perda de sua mãe, a pessoa que mais amava e confiava.

A jovem, quando sua mãe ainda era viva, sempre cantava em sua companhia e transmitia a “alegria” que sentia. Após sua morte, ela perde sua voz e passa pelo estado do luto, de modo que não consegue nem mesmo cantar ou emitir algum som; o mundo ao seu redor se torna cinza e sem graça, com a estátua de sua mãe constantemente aparecendo e lembrando da dor de sua perda. Além de contar com a presença de um “monstro” preto que se transforma em diferentes seres para tentar capturar a personagem e destruir ela de vez.

Ao longo da trajetória do game, as cores aparecem aos poucos e representam o estado do luto no qual Gris se encontra: primeiro, o cinza representa o isolamento; em seguida vem o vermelho, que estaria associado à raiva pela perda da mãe; após ele, temos o verde, associado ao sentimento de uma falsa “superação”, nessa parte surgem plantas e animais no cenário que antes havia apenas estruturas, estátuas e a personagem principal; em seguida vemos o azul, que seria a depressão da personagem, que traz a solidão e a saudade, por isso temos a aparição da chuva, do gelo e do mar nos cenários, representando seu momento de recaída e pesar; logo após vem o amarelo e seguido a ele o violeta, que trazem ao cenário a luz e as flores respec-

tivamente, o que representaria a aceitação da perda.

Fora as cores, a personagem ao longo do tempo vai adquirindo novas habilidades que ajudam ela a enfrentar os desafios que aparecem, indo desde se transformar em uma rocha para não ser levada pelo vento, até perder o medo da queda e da água para conseguir avançar no seu caminho.

O jogo de cores usado no jogo, para representar os diferentes sentimentos no qual a personagem passa, são tocantes e a junção de uma boa trilha sonora torna o jogo mais e mais especial, te fazendo ter uma “imersão” enorme e querer entender mais sobre o universo de Gris.

Nota: 9,5/10

DIVULGAÇÃO/NOMADA STUDIO



Hoff,
Engenharia Elétrica, 2º ano.

Gris é, do início ao fim, uma obra de arte - em todos os aspectos.

O visual, a trilha sonora, a história; tudo milimetricamente calculado para atingir perfeição: uma obra-prima impecável.

É quase que pleonástico falar isso quando o leitor dispõe nesta página de duas fotos que ilustram bem este comentário, mas ainda assim hei de dizer que a direção de arte desse jogo é mais do que fantástica.

A combinação de cores e o estilo do desenho aliados à trilha sonora que o jogo traz fornecem ao jogador uma sensação difícil de identificar; a mim,

o efeito foi de uma emoção intensa, evidenciada, é claro, pelas inesperadas lágrimas que o jogo me roubou com o final - ainda que eu não soubesse o motivo pelo qual eu chorava, eu sabia que era catártico.

A obra explora, embora sem dizer uma palavra (não há diálogo no jogo) a sensação de se encontrar em depressão, situação onde a vida perde as suas cores e o som de música se torna inaudível.

Gris é uma jornada que recupera a música; recupera as cores: mesmo que a caminhada seja longa e árdua - ainda há esperança.

Nota: 9,5/10

War Thunder

Igor Belo Amaral,
Engenharia Mecânica, 2º ano.

War Thunder está entre o que parece ser um simulador e um emprego com carteira assinada. O jogo é interessantíssimo para quem curte história militar, pois os veículos são extremamente fidedignos e correm boatos de que existe até vazamento de documentos confidenciais sobre esses veículos.

A comunidade é bem engajada. Foram várias as vezes em que se uniram e conquistaram alguma demanda. Quem joga deixa claro: você vai se divertir muito com a versão gratuita, isso é garantido, mas poderá sentir que subir de nível é um trabalho árduo e mal remunerado. E eu, meu caro leitor, tenho achado essa jornada, apesar de às vezes frustrante, extremamente divertida. Eu com certeza indico o game!

Nota: 8,5/10

Curricularize já!

É com grande prazer que finalmente, depois de uma jornada de quase 2 anos, podemos anunciar que este ano conquistamos a aprovação de algumas pautas relevantes na Comissão de Cultura e Extensão (CCEX). Ao longo das reuniões que tivemos no primeiro semestre, pudemos aprovar em consenso: a extensão pauta da curricularização de extensão, incluindo as Atividades Extensionistas (AEx); as Atividades Acadêmicas Complementares (AACs); e o Formulário de Credenciamento de Grupos de Extensão, pautas que já demandavam uma definição da escola desde 2022 e, portanto, estavam atrasadas a certo tempo mesmo com empenho e esforço dos representantes discentes e professores empenhados no tema.

Acreditamos que a grande dificuldade na aprovação desses tópicos foi a compreensão e delimitação das definições do que é extensão ou do que é complementar, afinal, na Poli e em muitas outras unidades você com certeza já deve ter ouvido falar de grupos de extensão, embora não saiba ao certo o que seria a “extensão”. A princípio, qualquer um poderia imaginar que a “extensão” se refere à realização de atividades extras em grupo na universidade, ou seja, atividades não obrigatórias, mas que podem auxiliar a compor habilidades relevantes ao mercado de trabalho ou agregar ao seu currículo. Essa definição, na verdade, serve mais como uma atividade complementar do que como atividade de extensão.

E o que é extensão, então?

A extensão é um dos pilares da USP, junto ao ensino e pesquisa, que abrange projetos e atividades da universidade que busquem construir, de maneira colaborativa com o público externo, soluções que devolvam o investimento da sociedade feito na universidade pela criação de um novo conhecimento, que foca na superação das

desigualdades e formação de uma sociedade ética, democrática e justa. As atividades que constituem extensão devem obedecer também outros 5 pilares, de acordo com a Política Nacional de Extensão Universitária - atualizada em 2012 e baseada no Plano Nacional de Extensão Universitária criado em 1999. Para ser constituído como extensão, a atividade deve conter:

(1) Interação Dialógica, interação direta e de mão-dupla entre a universidade e setores definidos da sociedade para criação de um conhecimento novo;

(2) Interdisciplinaridade e interprofissionalidade, incorporação de conhecimentos específicos e gerais para compreensão da complexidade do problema de modo a garantir que as soluções sejam efetivas;

(3) Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, vínculo acadêmico indissociável da extensão que garante o desenvolvimento profissional e cidadão dos alunos, além de contribuir positivamente à universidade;

(4) Impacto na formação do estudante, proporcionamento de experiências e contato com temas que compõem a formação técnica, ética e solidária dos estudantes e requerimento de novos critérios para garantir isso - a presença de um professor orientador, a definição de objetivos e competências na ação e métricas de avaliação da participação;

e (5) Impacto e transformação social, a atuação deve ser pautada nos interesses e necessidades da maioria da população, pensando também no desenvolvimento social e regional, indicadores que devem ser medidos a partir do feedback direto do setor afetado;

Em resumo, a extensão não é nada simples de definir, mas ela foi criada para resolver um problema igualmente difícil: a tarefa de aos poucos resolver a desigualdade social arraigada em nossa sociedade usando o conhecimento gerado nas universidades.

Não haveria outra forma mais genial do que utilizar as

grandes mentes da universidade para trabalhar nesse grande quebra-cabeça, além de contribuir para que elas mesmas aprendam pilares que não podem ser ensinados somente em sala de aula - a ética, a solidariedade e a consciência social - isso apenas a graduação e a pesquisa não conseguiriam alcançar.

Mas como essas pautas aprovadas afetam minha vida?

A aprovação das Atividades Acadêmicas Complementares (AACs) e da curricularização de extensão faz andar processos travados desde 2022 e que precisam ser iniciados para garantir a graduação dos ingressantes 22 e 23. Em conjunto com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais, oriundas do Ministério da Educação e Cultura (MEC), fica determinado que os alunos devem cumprir 2 créditos de AACs - a partir dos ingressantes 2022 - e 10% dos créditos totais da graduação como créditos de extensão - a partir dos ingressantes 2023. Caso a Poli não cumpra esses requisitos, há o risco de não sermos reconhecidos, processo que ocorre a cada 5 anos, e perdermos muito do prestígio acadêmico e reconhecimento internacional.

Como eu consigo esses créditos?

As atividades que podem contar créditos de AACs são: atividades esportivas; bolsas em projetos de ensino; estágios não obrigatórios; monitoria em cursos de graduação; apoio ou participação na semana de recepção; premiações acadêmicas; PETs; programas de tutoria; participação em visitas técnicas ou monitoradas; participação em atividades culturais; bolsas em projetos de extensão; participação e/ou premiação em competições estudantis; cursos extracurriculares; participação ou administração de empresas júnior; grupos de extensão, centros acadêmicos ou entidades estudantis; oficinas de treinamento prático; participação na publicação de textos; participação e/ou organização de semanas

acadêmicas; e premiações por projetos sociais ou comunitários.

Os créditos de AACs são obtidos a partir da inclusão direta das atividades no Júpiter (dentro da aba de requerimento), cada aluno deve fazer sua submissão e preencher os campos obrigatórios, incluindo um arquivo válido para certificação da atividade que deve ser confirmado conforme cada tipo de atividade. Vale ressaltar que as atividades que requerem certificado e ainda não possuem um modelo terão um trabalho extenso para começar a produção desses certificados, mas já estão sendo articuladas conversas com grupos de extensão, centros acadêmicos e a atlética, para chegar a um acordo quanto ao modelo e para garantir que as atividades organizadas centralmente por alunos não fiquem defasadas. Depois da inclusão, a CCEX analisa os envios e aprova, ou dá um retorno referente ao que precisa ser corrigido. Quando aprovado, os créditos são contabilizados automaticamente.

Quanto aos créditos de extensão, eles podem ser obtidos por três meios: por créditos de extensão contidos nas próprias disciplinas, por exemplo disciplinas que requerem algum trabalho de projeto e/ou pesquisa com foco na comunidade fora da universidade; por atividades extensionistas (AEx), inscritas pelos próprios professores; e por estágios, nesse caso serão válidos estágios com algum caráter extensionista. Os créditos presentes nas disciplinas ou nos estágios estão sendo pontuados no Júpiter pela Comissão de Graduação e serão inseridos no histórico automaticamente após a conclusão. Os créditos de AEx passam por um processo um pouco diferente, requerem a inscrição em uma das atividades e são inseridas após o término da atividade, exigindo também uma confirmação do cumprimento da carga horária designada pelo aluno. As AEx funcionam de modo bem diferente da disciplina pois são periódicas e únicas: são oferecidas por diversos professores, com diferentes cargas horárias e objetivos, possuem um pro-



cesso de seleção definido com critérios e vagas limitadas. Para se inscrever, você precisa acessar a aba de AEx no Júpiter durante o prazo e aplicar para o processo e, se for selecionado, poderá cumprir a atividade recebendo os créditos ao final dela. O processo de criação de novas AEx ainda é bem embrionário, houve apenas uma inscrita até o momento de produção desse texto, mas já estamos trabalhando também um processo de divulgação para que todos estejam cientes das AEx com inscrições abertas, sem necessidade de checar o Júpiter constantemente.

E os grupos de extensão?

Conjuntamente com o surgimento de toda essa demanda de novos créditos e redefinições do sistema, também é muito pertinente perguntar o que acontece com os grupos de extensão nesse cenário. Contam só como AACs? Se chamamos de extensão porque não poderia contar para a extensão? Justamente por isso, simultaneamente, também foi aprovado o Formulário de Credenciamento dos Grupos de Extensão. Inspirado no modelo de controle proposto pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, os grupos

agora podem submeter um formulário para formalizá-lo e transformá-lo oficialmente num grupo de extensão reconhecido pela Poli. Nele, devem constar o professor responsável pela supervisão do grupo, o aluno representante, uma série de descrições dos objetivos e organização do grupo e os projetos que realizam ao longo do ano. Caso o envio seja aprovado, os grupos reenviam o formulário anualmente, num período estipulado pela comissão, para regularizar a sua situação. Uma vez feito o credenciamento, o grupo agora tem autonomia para que seus membros possam cadastrar suas atividades como AACs, fazendo com que seus esforços sejam recompensados e reconhecidos no seu histórico escolar, registrando a experiência e dedicação empenhados também em um documento oficial da escola.

Para as AEx ainda existe a necessidade burocrática de ter um professor envolvido, mas, uma vez que já é necessário um professor para realizar o credenciamento do grupo, os dois problemas se resolvem de uma só vez. Também é preciso se atentar à questão da interlocução entre universidade e sociedade, por exemplo, grupos com foco em competições

não se enquadram nessas definições de extensão, e portanto não poderiam ter suas atividades consideradas para uma AEx, por outro lado, o que alguns grupos já fazem são workshops em escolas públicas, o que nesse caso permite a contabilização como AEx. Então, para o caso de AEx, o grupo precisa definir alguma atividade, projeto ou evento que cumpra com os requisitos de extensão, depois conversar com seu professor orientador para inscrever uma AEx sobre essa atividade, projeto ou evento e permitir que os membros do grupo participem dessa AEx. Assim, o grupo consegue agregar valor com créditos de AACs e créditos AEx para seus membros cumprindo seus projetos e dentro do seu cronograma.

Conclusão

Chegamos ao fim desse texto e você caro leitor e colega deve estar pensando “O QUÊ? Além de 30 créditos aula + trabalho + testinhos + semana de provas + minha vida fora da Poli, ainda tenho que cumprir TUDO ISSO para me formar?”. E sim, não temos muito como voltar atrás por serem ordens vindas de um nível acima da Poli, mas nossa intenção com esse texto não é alarmar, mas

sim informar como se darão todos os procedimentos, uma pequena aula-relâmpago sobre as boas novas, também saibam que essas implementações virão com calma para garantir que ninguém seja sobrecarregado e as coisas se ajeitem da maneira mais assertiva possível. Algumas delas ainda estão em discussão e podem acabar sendo diferentes do que foi explicado nesse texto, a base ainda vai permanecer, mas alguns detalhes podem mudar naturalmente com o tempo e a chegada de novas conclusões. Recomendamos que fiquem atentos conforme novas atualizações saem e prestem uma atenção especial ao anúncio dessas mudanças de caráter acadêmico, não existem em contatar um Diretor(a) do Grêmio em caso de qualquer dúvida. Não deixem para resolver isso no final da graduação e procurem abraçar a extensão positivamente como uma forma de aplicar os seus conhecimentos e ganhar novas experiências, não perca essa oportunidade: Curricularize Já.

Jobel Junior,
Engenharia Elétrica, 3º ano.

Rodrigo Matsuura Cirillo,
Engenharia Ambiental, 3º ano.



Você conhece as pesquisas da USP?

Segundo seu site oficial, a Universidade de São Paulo participa de cerca de 20% da pesquisa produzida no Brasil e tem mais de 1600 grupos de pesquisa certificados pelo CNPq. Além disso, é a 16ª universidade do mundo que mais produz artigos científicos, segundo ranking do Centro de Estudos em Ciência e Tecnologia da Universidade de Leiden, nos Países Baixos.

A pergunta que fica, porém, é: você conhece as pesquisas que são realizadas na USP? Você sabe qual o impacto que

elas têm na sociedade?

Historicamente, a maioria das pesquisas sempre ficou restrita ao ambiente acadêmico, e, mesmo com as iniciativas atuais de divulgação científica, como a Revista FAPESP, a Editoria de Ciências do Jornal da USP ou perfis e sites de centros de pesquisa e, até, de pesquisadores, a realidade atual ainda não é muito diferente. Ainda que você produza ciência na universidade, é bem possível que você tenha apenas vaga ideia do que se passa nos demais institutos e tam-

bém queira, tanto divulgar sua pesquisa amplamente, quanto conhecer algumas das demais.

É neste ambiente que se insere o PesquisasUSP: página de Instagram, Facebook e YouTube administrada pelo Grêmio Politécnico e que já acumula mais de 40 mil seguidores. O objetivo é justamente divulgar pesquisas, eventos e notícias relacionadas à produção de ciência na USP de maneira acessível, tanto aos pesquisadores e pesquisadoras, como para o amplo público, auxiliando na construção

da ponte entre a Academia e a sociedade, além de contribuir para enriquecer o ambiente universitário on-line. Acesando @pesquisasusp no Instagram, você poderá ter uma melhor ideia do escopo do trabalho.

E, se você faz pesquisa na USP – desde Iniciação Científica até pós-doutorado – e quer divulgá-la, entre em contato pelo Instagram ou pelo e-mail pesquisasdausp@gmail.com

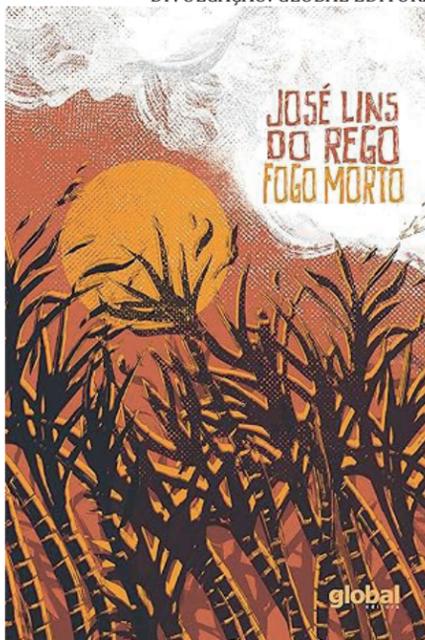
Diego Roiphe de Castro e Melo,
Engenharia Civil, 2º ano.

Arte e Cultura

O PolitécnicO Leu: Um compacto de recomendações

Há quem se engane em pensar que a Poli é um terreno inóspito de apenas derivadas parciais, integrais, espaços vetoriais, equações sem solução e tudo de mais enfadonho que venha à mente quando se ouve a palavra “engenharia”. É verdade que é um ambiente deveras numérico e que pode assustar qualquer desavisado que entre em uma sala aleatoriamente, mas as letras também existem aqui para além das incógnitas ou constantes. Andando pela larga e espalhada Escola, será possível vislumbrar em alguns cantos, nos poucos em que há sombra, estudantes despreziosos lendo literatura (quem diria!). Alguns destes vieram animados ao Jornal O PolitécnicO para contar o que acharam de suas últimas leituras. Confira as experiências e impressões deles nestas páginas e permita-se adentrar o mundo dos romances, contos, novelas e poemas; que fique, porém, desde já o aviso: pode ser uma passagem sem volta!

DIVULGAÇÃO: GLOBAL EDITORA



Fogo Morto

Gabriel Oliveira,
Engenharia Elétrica, 2º ano.

"Acabara-se o Santa Fé."

Com essa frase, José Lins do Rego escreve o epítáfio não apenas de um latifúndio, o Santa Fé, onde a história se passa, mas de

todo um sistema que foi base da economia colonial, o Ciclo da Cana de Açúcar. Em "Fogo Morto", o escritor retrata o declínio dos engenhos de cana, mas, acima de tudo, retrata o funcionamento das estruturas sociais no Brasil e a elite se perpetuando como figura de poder.

O romance é dividido em três partes: "O mestre José Amaro", "O engenho do Seu Lula" e "O Capitão Vitorino". A primeira parte é focada no seleiro José Amaro, personagem explorado, mas orgulhoso de si, que não se curva a nenhuma autoridade e cuja única admiração se constroi na figura do cangaço Antônio Silvino, tido para ele como defensor dos pobres. Além disso, apesar de sua vida laboral ser reconhecida, sua vida familiar é precária, sua agressividade afasta mulher e filha.

A segunda parte se preocupa em contar a glória e a queda do engenho Santa Fé e aqui é mais latente o jogo de aparências das elites brasileiras. A autoridade latifundiária e patriarcal de seu Lula conserva-se mesmo quando não existe mais rentabilidade com as safras, todo o dinheiro já foi gasto e sua mulher é a única responsável por sustentar a propriedade que fora de seu pai. Seu Lula falha em administrar os negócios da família, mas não por isso deixa de desfilar aos finais de semana exibindo joias em seu cabriolé.

Por último, ainda temos Capitão Vitorino, senhor que ganha alguns minutos de fama durante uma briga com cangaço e decide se tornar político pela cidade. É interessante notar como os três personagens do livro vivem em mundos completamente apartados da realidade, tomados por um orgulho voraz que José Lins do Rego descreve acertadamente. A decadência de um engenho, se é o tema principal do livro, também é apenas o pano de fundo para múltiplas camadas de problemas que o escritor procura expor.

Nota: 9/10



Os Dois Morrem no Final

Bruno Pereira dos Santos,
Engenharia Civil, 3º ano.

Qual seria sua reação ao descobrir por uma ligação como as de telemarketing que hoje é seu último dia de vida, suas últimas no máximo 24 horas – provavelmente menos? Tentaria passar tais horas finais com seus maiores amigos, com aqueles com que você considera sua família ou tentaria então fazer aquilo que você nunca teve coragem de ousar fazer e agora sente que é a chance? Vai se arrepender de quanto tempo você desperdiçou até aqui com coisas que nunca foram importantes, vai tentar esquivar da morte de alguma forma e falhar miseravelmente ou vai começar a ser um novo você no seu dia final?

São tantas as possibilidades e surreais os lugares que poderíamos chegar ao descobrir que está na hora de dizer adeus a tudo. Todos esses questionamentos são trazidos por essa distopia – ou seria utopia? –, onde todo dia, entre às 0h e 3h da madrugada, pessoas recebem ligações avisando que é seu último dia de vida e prestando as condolências da forma mais robótica possível. Acompanhamos a vida de Mateo Torrez e Rufus Emeterio, além de mais algumas personagens que acabam os rodeando nos seus últimos dias, conhecendo junto a eles um Mateo e um Rufus novos, mais corajosos, mais caridosos, mais

autênticos e mais apaixonados.

Já havia ouvido falar desse livro e o tinha a alcance, após ouvir comentários sobre ele na última SEDEP com o tradutor da obra, Vitor Martins, me interessei ainda mais e decidi lê-lo nas férias – a Poli não me permitte ler durante o semestre. É um romance perfeito, que sinto que tomou todas as decisões corretas na hora de escrever uma história de amor adolescente, assim como ao dialogar tão poeticamente sobre a morte em diálogos até clichês por vezes, mas que tratam tão bem sobre a aflição pela qual as personagens estão passando. Adorei a obra, ainda não consegui digerir tudo, principalmente o final, que me deixou um vazio gigantesco, mas todas as reflexões que ela me trouxe durante a leitura e o quanto me senti preso à trama já são sinais suficientes da qualidade da obra. Recomendo a qualquer um ler, se não pelo romance, pela imersão nesse mundo tão familiarizado com a morte, até chegar sua vez.

Nota: 9,8/10

(quando eu me recuperar, provavelmente 10.)

Os Sete Maridos de Evelyn Hugo

Persan

DIVULGAÇÃO: PARALELA



Para começar, este livro é uma obra de arte, que requer uma leitura devagar e muito bem “saboreada, ou degustada,” assim como um bom prato...

Vamos lá. Este livro retrata a história de uma personagem fictícia, que foi tão bem construí-

Arte e Cultura

da, que vai parecer que é real. No decorrer do livro, iremos descobrindo as camadas dela, tudo que ela fez ou deixou de fazer para conseguir o que queria. Ela pede para que Monique (uma escritora “pequena”), escrever sua biografia, nisso conseguimos ver todas suas nuances, dores, raivas e também seus momentos felizes. Este livro faz com que vejamos Evelyn Hugo em sua forma mais “pura”, pois nele não vemos apenas uma estrela de cinema que entrou para história, e sim alguém que não só fez coisas boas pela sua sobrevivência, mas também fez coisas não tão boas, para conseguir o que queria, o livro nos deixa com uma pergunta: será que houve algum arrependimento?

Ela assim como diversas pessoas, utilizou do seu corpo e sua bela aparência para conseguir algumas coisas, ou até várias, mas para mim, isso não passa de um jeito dela mostrar que foi muito inteligente. Isso porque em várias situações ela sabia exatamente o que a pessoa queria, então utilizou de uma das suas melhores armas para conseguir o que ela mesma desejava, e assim, com vários planos, ela passou por 7 casamentos, alguns extremamente rápidos e superficiais e outros nem tanto. Tantos casamentos e romances vividos nos levam ao grande questionamento do livro, que Monique e os leitores geralmente fazem: quem foi seu verdadeiro e grande amor? Mas para falar disso precisamos passar por algumas etapas antes...

O amor é algo que muitos acreditam ser o que nos deixa cegos, o que no caso dela realmente aconteceu (ALERTA SPOILER). Uma pessoa continuar em um casamento mesmo sofrendo agressões é algo inaceitável, todos concordamos, mas então por qual motivo Evelyn teria aceitado isso por tanto tempo? Tudo escalou tanto que chegou a um ponto de ela saber quais situações iria ser agredida e ainda sim preferir ficar no casamento com ele (o que eu não consigo acreditar até agora). Mesmo que após isso as coisas tenham melhorado, ter que omitir a história de ter sido agredida e correr o risco de que seu marido faça outra vítima depois, não tem nenhum sentido.

Mesmo eu lendo, não consegui decifrar (FIM SPOILER). Será que o amor é realmente capaz de fazer alguém suportar agressões? Isso é algo que eu ainda não sou capaz de compreender totalmente...

Outra etapa que passaremos seria de almas gêmeas, pois dizem que almas gêmeas podem ser melhores amigos, porém, por mais que haja uma pessoa que é o grande amor da vida dela, o que ela mesma confirmou, não acho que sua alma gêmea era esse grande amor (ALERTA SPOILER). Seu grande amor na verdade foi seu melhor amigo, Harry. Pelo menos para mim só pode ter sido ele, pois ele sempre esteve lá por ela, nunca a diminuía ou a tratava de um jeito tóxico. Além disso, Harry se destacou não só por ser seu melhor amigo, mas também porque foi marido e pai da sua filha. Eles se entendiam e era algo lindo de se ver. Mesmo sendo dois farsantes em um casamento de fachada, para mim foi o melhor casamento dela, independente de ser apenas feito de aparências ou não. (FIM SPOILER).

O livro dá uma boa reviravolta quando chega uma nova atriz que dizem que atua melhor. Será que a carreira da Evelyn fica abalada ou ela pode ainda se assegurar com sua beleza e manipulação? Com a mídia envolvida, era lógico para a bela atriz que não havia uma forma de minimizar isso, e que era natural isso acontecer. Sendo assim, Evelyn então segue o ditado: “se não puder ir contra seu inimigo, se junte a ele” e assim se torna amiga da nova atriz, Célia, uma pessoa com um futuro brilhante. E isso é apenas o começo de algo grande...

Esse livro apresenta várias críticas muito boas à nossa sociedade atual, e isso é um dos motivos para que ele seja tão bom e muito bem avaliado. Um exemplo de crítica muito bem colocada (ALERTA SPOILER) é quando Evelyn atua em uma cena de sexo, onde o diretor do filme fala basicamente para ela fazer com que pareça algo real. Nisso, ela decide fazer algo simplesmente extraordinário, digno de Oscar, e mesmo com a sociedade amando a cena, ela acaba sendo esculachada pela internet.. Revoltada, Evelyn fala: “eles são assim... amam algo en-

tre quatro paredes, porém fora disso dizem que odeiam”. O sofrimento das críticas foi bem pior para ela, principalmente por ela ser mulher, o que naquela época era ainda pior do que nos dias de hoje. Uma mulher que praticasse aqueles atos em câmera jamais seria bem vista na opinião geral, por isso, a indicação ao Oscar que ela esperava nem veio. (FIM SPOILER).

A gravação desse filme gera uma grande briga com o amor da vida de Evelyn, pois o fato de tudo ter parecido tão real e por ser justamente com aquela pessoa que não poderia ser, dentre várias outras pessoas possíveis para a cena, fez com que tudo desse muito errado. No final das contas, a briga aconteceu por diversos fatores: por falta de conversa; pela pessoa proibida que acabou fazendo aquela cena; e outros motivos pelos quais valem a pena você (meu leitor) conhecer o livro também. Mesmo essa briga já foi suficiente para que elas se separassem por um tempo.

Como crítico, também me interessei pela opinião do público, quando um relacionamento acaba, vocês acham certo que as pessoas voltem a se relacionar? Para mim, depende do motivo que levou elas a se separarem, no caso desse relacionamento, eu não gostei muito mas entendi que foi muito importante para Evelyn (ALERTA SPOILER). Embora tenha sido doloroso tanto para ela, quanto para Célia, sim, elas ficaram várias vezes, e como foi falado por Evelyn, no fim nenhum dos seus sete maridos foi o grande amor da sua vida, e sim Célia. Justamente num relacionamento que tinha tudo para dar errado, e deu diversas vezes, em especial por acontecer numa época em que pessoas LGBT não eram aceitas na sociedade, elas tiveram que esconder esse romance, viverem casamentos de fachada unicamente para poder esconder o relacionamento entre elas que as fazia tão felizes. Em uma parte da vida que Evelyn ainda fazia planos para obter seu sucesso histórico, como vocês podem imaginar, se casar com outra pessoa para que não desconfiassem do romance entre as duas não seria o suficiente. Isso tudo não foi apenas pelo medo da mídia descobrir, mas

havia coisas que Evelyn poderia não ter feito, Célia também poderia ter sido mais compreensiva, mas a falta de bom senso levou as duas a terem um relacionamento que poderia ser considerado tóxico, e a cada vez que voltavam, pretendendo ser melhores, se machucavam mais ainda. Minha análise final sobre essa relação é de que se tratavam de duas adultas que não estavam sendo totalmente maduras, e quando voltaram pela última vez, a história se repetiu e o relacionamento acabou novamente. Na última e derradeira vez, foi a única vez em que eu, enquanto leitor, fui comovido e fiquei bem triste, mas não há o que se fazer quando se trata de destino... (FIM SPOILER).

Por fim, para todos, Evelyn foi a atriz que sim, havia se casado SETE vezes, amado Célia, e tido uma filha, mas será que isso apaga todas coisas ruins que ela fez em sua trajetória? Eu sou contra essa ideia, mesmo que ela tenha feito coisas que sinceramente não foram tão ruins, algumas de suas ações foram sim muito ruins, de outros pontos imperdoáveis até. Mas o que importa no fim do dia não é terminar o livro odiando ou amando Evelyn Hugo, mas sim entender que algumas coisas que ela fez o que ela julgava como necessário em sua vida. Quantas vezes já não tomamos decisões tentando pensar em todos os lados da história, e mesmo assim cometemos erros também... E se você, assim como outras pessoas, também se pergunta: não é ruim ela ser reconhecida como a mulher que se casou sete vezes? Eu te respondo, caro leitor: não. Evelyn Hugo foi uma atriz histórica, uma mulher histórica, e apesar de ter tido sete maridos, os nomes dos maridos não serão lembrados, enquanto o de Evelyn estará eternamente guardado no fundo da memória de todos nós.

Esse é um pequeno review desse livro incrível, que por vários motivos tem na minha nota pessoal um sonoro e firme 10. Espero que você tenha gostado e que o texto realmente te incentive a conhecer esse livro, com certeza não vão faltar motivos para que você também o recomende.

Nota: 10/10

Contos e Crônicas

Avenida Dr. Arnaldo

Segundos se arrastavam enquanto a luz vermelha não ficava verde.

A fumaça densa — tão corriqueira que talvez alguém ali a confundisse com nuvens — espreitava os imóveis corpos flácidos, murchos, lânguidos. Buzinas. Motores. Aquele som irritante e familiar que soa logo antes das portas de um trem de metrô fecharem, seguido do barulho subterrâneo de sua partida.

Então o semáforo acende sua luz verde, e os corpos inertes passam a se mover em ressonância num ritmo cadavérico ao atravessar a faixa de pedestres, como zumbis. Uns com as costas arqueadas demais para a sua idade, olhos fixos num retângulo tosco que brilha. Outros de olhar perdido, talvez inquietos, loucos para chegarem em casa logo e aproveitarem suas míseras horas livres do fim do dia; como pedintes, implorando a Deus por migalhas de tempo.

Mas havia um que se destacava: um garoto.

Não por estar no meio dos zumbis e não se parecer com um. Não, este se destacava por um outro motivo. Este tinha algum tipo de alergia à fumaça, então não parava de tossir.

E atravessou a avenida tossindo, até chegar no trajeto familiar que tomava todos os dias. Enquanto caminhava apressado sob o triste e tímido pôr do sol, ao seu lado erguiam-se os muros altos de um grande cemitério. Estes, o acompanhariam até sua destinação final: um ponto de ônibus algumas centenas de metros à frente. E, apesar da altura considerável dos muros, era impossível deixar de notar que determinados túmulos eram ainda mais altos: várias cruzes destacavam-se, cada qual demarcando um pedaço diferente de terra sob o qual as larvas realizavam seu festim.

Foi enquanto tossia, de cabeça vazia, sem querer ou sentir nada, apenas seguindo seu trajeto de modo robotizado e sem emoção, que, de cima de uma das cruzes mais altas, esvoaçou uma coruja, que, ao ver

o garoto, pôs-se a segui-lo, interessada de forma incomum pelo sujeito.

— Que faz um jovem de olhar tão mórbido do lado de fora desses muros? — grasnou a coruja, sobrevoando ao lado do rosto do garoto, acompanhando o seu passo rápido.

O garoto girou o pescoço noventa graus ao lado, e, ao ver a coruja, respondeu de maneira indiferente:

— Indo para o ponto de ônibus. Se eu for rápido, talvez chegue a tempo de pegar o 175P-10. Se eu chegar depois, terei de entrar no 925A-10, ou no 875P-10, e estes costumam lotar a essa hora do dia. Às vezes ficam tão lotados que nem dá pra entrar ne-

— Não me refiro ao que está fazendo no momento — a coruja o interrompeu. — Irei perguntar novamente — disse ela, pousando no chão e pondo-se a andar com pequenos pulinhos ao lado do garoto. — O que faz alguém como você, que parece mais pra lá do que pra cá, do lado de fora do cemitério? Ou melhor, o que faz alguém como você acima do nível do solo?

O garoto franziu o cenho, talvez sem entender a pergunta.

— Que quer dizer? — perguntou entretosses — O que há de errado comigo?

A coruja piou repetidamente, de forma quase que histérica. Vamos assumir que isso foi uma gargalhada.

— Ora — respondeu ela —, olhando assim para você, a julgar pelas suas feições e aspecto físico, não sei dizer se você está vivo ou morto.

— Já viu algum morto falar? — retrucou o menino, fazendo um gesto impaciente com a mão.

— Já viu alguma coruja falar?

O menino bufou.

— Tem razão. Mas posso lhe garantir que estou bem vivo — ele deu um beliscão em si mesmo. — Viu só? Sinto dor.

— Acho que a questão está longe de ser essa — respondeu a ave, saltitando curiosamente pela calçada da avenida.

— Suas tosses não refletem a atitude física de um jovem sau-

dável. A bem de dizer, nada que vejo em ti me parece normal ou adequado! Quando eu tinha a sua idade, você devia me ver, eu tinha o dobro do seu tamanho simplesmente por andar com a postura ereta.

— Mas você é a porra de uma coruja! — Exclamou o jovem, talvez agora um tanto quanto revoltado.

— Ora, ora, não fique bravo, meu senhor, estou apenas constatando fatos. Se te deixa melhor, saiba do seguinte: não é apenas você que vejo todo estragado nos dias de hoje; a verdade é que no meu tempo os seres humanos costumavam ser mais saudáveis, tanto física quanto mentalmente.

O jovem revirou os olhos enquanto alargava as passadas a fim de que esta pequena interlocução tivesse a menor duração possível.

— Para a sua informação, a galhofagem que fazes comigo de nada me surte efeito — respondeu o garoto, aumentando a formalidade na intenção de soar mais inteligente —, pois, se bem me permite inferir, a humanidade nos presentes dias em muito supera aquela que a precedeu nos tempos pré-históricos onde o povo era tão atrasado que nem smartphones tinham à sua disposição.

— Pois bem — respondeu a coruja, dando uma pequena risada em forma de pios —, que tal citar motivos pelos quais a humanidade atual é melhor do que a antiga, já que acredita nisso com tanta convicção?

— Como eu já disse, a princípio nós temos smartphones, enquanto que nos tempos antigos havia apenas... — o garoto quase vomitou neste momento, mas segurou o vômito para terminar de dizer a palavra — *livros*.

— É claro — falou a coruja. — O que mais?

— Bom, temos muitas coisas a mais. Há, é claro, uma lista imensa de coisas, mas citarei apenas alguns exemplos. Antes, faziam cirurgias à mão; hoje temos máquinas médicas. Antes, comíamos comida orgânica, hoje temos processados. Antes, pagavam para ir em concertos, hoje, toco qualquer música no meu celular.

— Antes, tinham leucócitos

no sangue, hoje temos microplásticos! — Falou a coruja.

— Exatamente! — Concordeu o garoto, provavelmente sem saber o significado da palavra “leucócitos”. — O ponto principal que estou tentando dizer é que, antigamente a qualidade de vida era péssima, comparada com a que temos hoje. — Continuou ele, tossindo enquanto falava. — Veja só, daqui a pouco vou pegar o meu ônibus e, quando chegar em casa, no meu prédio de 10 metros quadrados, poderei ficar por algumas horas no Twitter vendo memes que pessoas de outros países fizeram, e eu terei eles projetados diretamente e instantaneamente no meu celular! — Exclamou, apontando para uma espécie de retângulo brilhante que ele trazia consigo na mão (e cujo brilho era praticamente completamente ofuscado pela fumaça dos automóveis em volta).

— Caramba! Isso é realmente incrível. Acho que finalmente estou começando a compreender a humanidade. Quão tola eu não fui, durante todos esses anos, acreditando que a humanidade estava regredindo, apenas por não enxergar os avanços que você mencionou! Vejo agora que tenho muito o que aprender, e que de muito pouco eu sei sobre este mundo. Qual é o nome desse negócio, mesmo? O que te faz se comunicar com pessoas do outro lado do mundo instantaneamente?

— Chama-se Twitter — respondeu o garoto —, posso te mostrar assim que chegar no ponto de ônibus. Só não mostro agora pra não perder o 175P-10, como eu falei; mas é de fato o máximo. Eu mesmo fico 22 horas e 30 minutos usando o aplicativo todos os dias. Paro apenas para dormir, praticamente. Para falar a verdade, vou entrar nele agora, deixe eu te mostrar — terminou ele, desbloqueando o smartphone e começando a fuçar nele.

— Impressionante — falou a coruja —, bem impressionante, mesmo. Eu realmente gostaria bastante de dar uma olhada no que se trata, mas acabei de me lembrar que preciso ir tomar um chá da tarde com minha companheira ali no cemitério. Terei de partir, ago-

Contos e Crônicas

ra, mas foi bom conversar um pouco com você.

— Que estranho, meu Twitter não tá abrindo... — falou o garoto — Sei lá o porquê. Daqui a pouco tento de novo. — ele guardou o retângulo e olhou para frente — Ótimo, olhe lá, o ponto de ônibus está logo aí na frente. Mais dez segundos e chego lá.

— Certo, é isso, então. Nos vemos na próxima? — Falou a coruja, parando de dar seus pulinhos.

— Nos vemos por aí, coruja — o garoto parou e se virou para olhar para a ave uma última vez, enquanto o 175P-10 ia embora atrás dele. — Antes de ir, apenas uma pergunta, que pensei agora... Eu acho que nunca vi um animal que

falasse. Quer dizer, já vi alguns vídeos no TikTok de animais falando, mas me disseram que era fake depois, e, apesar de no início eu não ter acreditado, depois de pensar melhor eu acho que eram fakes, mesmo... — A coruja abriu as asas para voar, e o garoto terminou — acho que o que eu tô tentando perguntar é... você também é fake? Ou... você é... real?

Antes de responder, a ave então abriu vôo, e, em meio ao ar, antes de voar para longe e nunca mais ser vista nas redondezas, falou, por fim:

— Já viu alguma coruja em São Paulo?

Hoff,
Engenharia Elétrica, 2º ano.



FONTE: WIKIPEDIA

Cemitério do Araçá, Avenida Dr. Arnaldo, São Paulo

Arte e Cultura

Dois Teatros

Nessas férias (me dando a liberdade de começar como uma redação intitulada "Minhas férias"), pude fazer que há muito não fazia: ir ao teatro. Como apreciador de arte e cultura em geral, reconheço ser uma grande falha não dedicar mais do meu tempo a assistir peças. Isso, a ponto de eu ter me esquecido, quando sento em minha poltrona no Teatro FAAP, como é a sensação de estar aqui, de ver os atores não atrás de uma tela, de acompanhar a história

FOTO POR DIEGO ROIPHE DE CASTRO E MELO



Entrada do Teatro Municipal

não apenas através de letras escritas.

Ver os personagens ao toque da mão e ter a certeza de que eles estão tão vivos quanto eu, me causa uma catarse que nenhum outro meio artístico é capaz de causar. Assisto à obra Órfãos, dirigida por Fernando Philbert, escrita por Lyle Kessler, e com elenco composto por Lucas Drummond, Ernani Moraes e Rafael Queiroz. Uma peça clássica, com um excelente elenco. O enredo é incrivelmente simples, podendo até parecer absurdo, desconsiderando a verdade que o cenário, as atuações e os diálogos passam.

Pouco mais de uma hora e meia depois, termina a encenação. Tão fugaz quanto um sonho; tão verdadeira quanto a própria vida. Há o tradicional levantar de máscaras por parte dos atores, que agora parecem menos reais do que os personagens. Personagens complexos e incompletos, cuja existência ainda subsiste, semanas após a peça.

Vamos agora avançar no tempo em uns dez dias. En-

tro, desacreditado, no Teatro Municipal de São Sebastião. A peça da vez não tem nada de clássica. Com direção e dramaturgia de Rafael Santos, que também compõe o elenco em conjunto com Andreia de Almeida e Houston Charles Batista, a obra tem um nome curioso: "O primeiro bobo do mundo". Com um começo estranho, os atores conseguem, aos poucos, conquistar o público. Entre piadas, exageros, cenas bobas-reflexivas e quebras de quarta parede, o enre-

FOTO POR DIEGO ROIPHE DE CASTRO E MELO



A peça à espera do começo

do engrena e nos leva em uma jornada absurda.

E de um nada, de um estranho desconhecido, nasce uma emoção, que conquista e atinge seu ápice ao fim, coroada pelas falas dos atores, despidos da roupagem, agora mais reais do que antes. Esse é o tipo de coisa que fica nas memórias de um julho melancólico.

Foi muito bom sentir novamente o poder incrível do teatro de nos conectar com a peça e mexer com as nossas emoções. Primeiro com uma "tragédia" com riso, depois com uma "comédia" com choro.

Termino citando Lucas Drummond, que, sobre a arte da dramaturgia e da atuação, falou: "O teatro, por si só, é um pacto que se estabelece com a plateia, em que a imaginação é o ponto central. Muitas coisas aqui da peça a gente precisa da imaginação da plateia para que aconteçam. São coisas que surgem na nossa cabeça e a gente precisa convencer o público a embarcar nessa mesma jornada."

Diego Roiphe de Castro e Melo,
Engenharia Civil, 2º ano.

A Politécnica

Meninas na Poli

No dia 17 de agosto aconteceu um dos maiores eventos organizados pelas entidades representativas da Escola Politécnica, o “Meninas na Poli”, já tradicional na Poli. O evento surgiu com o propósito de mostrar para garotas de ensino médio, que uma área comumente associada a homens também é pertencente a mulheres e que elas podem e devem ocupar vagas em áreas de exatas, como a engenharia. Ainda hoje temos uma enorme disparidade entre a quantidade de alunas de graduação, pós-graduação e docentes na Escola Politécnica da USP. Em um censo realizado em 2023 foi visto que existiam apenas cerca de 20,43% alunas de graduação, enquanto no corpo docente esse nú-

mero é ainda menor, com professoras ocupando apenas 13,71% dos cargos.

Com esse cenário, o evento se torna um dos mais importantes feitos pelo societário (ou diretório), que reúne representantes de todos os Centros Acadêmicos, Atlética, Grêmios e Coletivos, com a finalidade de organizar da melhor forma possível o evento, proporcionando para garotas de ensino médio público um dia completo conhecendo as oportunidades, cursos, laboratórios ou mesmo redes de apoio que a Poli e entidades representativas possuem.

No evento deste ano, as meninas visitaram laboratórios da Minas, Mecânica, Naval e Química, conhecendo campos de atuação e pesquisa e um pouco dos pré-

diários das engenharias, além de terem experiências em diversas áreas que existem na Poli. Além disso, também almoçaram no bandeirão, conheceram como funcionam alguns cursos e conversaram com diferentes grupos de extensão – que variaram desde grupos técnicos, como a Zima ou Thunder e grupos com enfoque social, como o Cursinho Popular, até grupos financeiros, como o Poli Finance.

O evento contou com quatro patrocinadores, que arcam com todos os custos, a FDTE (Fundação para o Desenvolvimento Tecnológico da Engenharia, que existe desde 1972 e tem como objetivo desenvolver projetos de engenharia, ajudar na educação continuada, entre outros), Fundação Vanzolini (criada em 1967, com objetivo desenvolver e disseminar conhecimentos científicos e tecnológicos inerentes

à Engenharia de Produção), FUSP (Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, seu objetivo é apoiar projetos de pesquisa, ensino e extensão, projetos de desenvolvimento institucional, científico e outros relacionados ao estímulo à inovação e de interesse da Universidade de São Paulo) e a Diretoria da Poli. Sem esses patrocinadores, não seria possível a realização do evento em suas devidas proporções.

Por fim, com esse evento, esperamos que mais garotas vejam o mundo encantador – duro e difícil, mas encantador – que a engenharia é e tudo o que ser uma engenheira representa: é ser uma mulher resiliente, que possui uma força, determinação e vontade enorme de fazer a diferença (ou mesmo de ser a diferença).

Beatriz Medeiros,
Engenharia Civil, 2º ano.

Poli

Vitória do Grêmio: Mais 170 vagas!

Fui inspirado por minha conversa com o Sr. Jomázio, ex-presidente do Grêmio Politécnico em 1964 (e 1965), a escrever este artigo. Na época, ele convocou uma greve, em plena ditadura militar, para que 38 alunos pudessem ser matriculados na Politécnica. Deixo aqui meus agradecimentos a ele por ter lutado com tanta coragem: hoje, graças à mobilização do Grêmio e dos estudantes, existe o sistema de segunda e terceira chamada.

Pois bem, como já deve ser de amplo conhecimento, o Grêmio Politécnico conseguiu a ampliação das turmas de cálculo 2 em 170 vagas! A busca por maneiras de ajudar

os alunos dependentes em matérias da Poli é uma das maiores preocupações acadêmicas do Grêmio atualmente. Nosso contato com as equipes do IME e do IF remontam ao começo de julho e conseguimos negociar várias coisas que ajudaram e ajudarão os politécnicos: respectivamente, quebra de requisito para Física 4 e o futuro reoferecimento de férias de Física 2, em janeiro de 2025.

Contudo, isso não era suficiente para nós. Prosseguimos com as conversas com a equipe do IME e a Comissão do Ciclo Básico e propusemos ideias para que houvesse mais alunos matriculados nas disciplinas. Entre as propostas havia a criação de novas turmas, a

adaptação das turmas existentes para turmas híbridas com presença online, turmas rotativas e outras propostas. Entretanto, o IME ainda sofre da falta de professores e não tinha docentes disponíveis para abrir novas turmas.

Dito isso, eles concordaram na ampliação das turmas para um total de 1100 matriculados. Segundo os nossos cálcu-

los, houve um aumento de 170 vagas ao todo, de 10 a 20 vagas por turma. Todas as turmas normais de Cálculo 2 passariam a ter 100 vagas, em 2024, desde que cumpríssemos com as suas exigências: 3 professores para a aplicação das provas. Com isso em mente, o Grêmio articulou em diversos órgãos institucionais como a Comissão do Ciclo Básico, a Comis-

Vinicius Veiga Paschoal

para Leonardo

Bom dia prof. Leonardo, tudo bem?

Como prometido, nós conseguimos 3 professores para a aplicação de todas as provas.

Como o senhor gostaria de entrar em contato com eles?

Poli

são de Inclusão e Pertencimen-
to, a Comissão de Graduação e
a Congregação a chamada por
professores, além de procurar
pessoalmente docentes para
que fosse possível a expansão
das turmas.

Acreditamos que, com essa
vitória, as futuras gerações do

Grêmio Politécnico terão mais
precedentes para negociar
com as equipes de professores
na busca de tornar mais recor-
rente o reoferecimento de dis-
ciplinas para os alunos em de-
pendência. Por mais que esse
passo seja um entre vários que
devemos dar, a execução dele

e de projetos de mais longo
prazo, como as DCNs, são mais
que bem-vindas na Escola Po-
litécnica, a qual passará por
uma reestruturação curricular
muito impactante nos próxi-
mos anos. Com a participação
do Grêmio nessa reestrutura-
ção, esperamos garantir que

as demandas dos alunos sejam
atendidas nas mudanças ela-
boradas pelos professores e
que a Politécnica torne-se uma
espaço mais unido, juntando
alunos e professores.

Vinicius Veiga Paschoal,
Engenharia Elétrica, 2º ano.

Esporte

Existem dois tipos de esporte: um é o futebol e o outro é o que está ganhando

As Olimpíadas são um dos
maiores eventos esporti-
vos do mundo, reunindo
atletas de diversos países em
uma competição de excelência
e determinação. O desempenho
do Brasil nas edições recentes
dos Jogos Olímpicos tem gera-
do grande interesse e debate,
especialmente em relação à sua
repercussão. Nas Olimpíadas
Paris 2024, vivenciamos mo-
mentos históricos, a maioria
protagonizada por mulheres
negras.

Ao analisar o ranking de me-
dalhas, é possível ver o quanto
o Brasil evoluiu, mas também o
quanto ainda precisa avançar.
Apesar de não sermos um país
que investe suficientemente
em esportes, conseguimos con-
quistar resultados signifi-
cativos. Imagine o que poderíamos
alcançar com o investimento
ideal, como ocorre em países
como Estados Unidos e Chi-

na, que permanecem entre os
maiores vencedores de meda-
lhas.

Estas Olimpíadas foram
marcadas por surpresas. O
Brasil começou a ser reco-
nhecido não apenas pelo fu-
tebol masculino, mas também
por diversos outros esportes
que conquistaram grandes
momentos e vitórias, como o
skate, a ginástica artística e a
marcha atlética, entre outros.
Esses esportes, agora rece-
bendo o reconhecimento que
merecem, têm o potencial de
crescer cada vez mais, inspi-
rando as próximas gerações.
Com isso, esperamos que no-
vas gerações compreendam
a importância e a magia de
outros esportes e se sintam
motivadas a se tornar o próxi-
mo legado, orgulhando-se das
conquistas históricas dessas
Olimpíadas.

Isa,
Engenharia Ambiental, 2º ano.

Polirismos

Cantiga de Escárnio

Manhã, 7h15

Xícara exótica, jogo o Xadrez luxuoso

Abro o aplicativo

És basbaque, rebento d'uma meretriz

Mui feo, criatura nefanda.

Direi-vos o que não sabes:

Gozo de súpera crença

Alvitrar-te-ei, ceife-se.

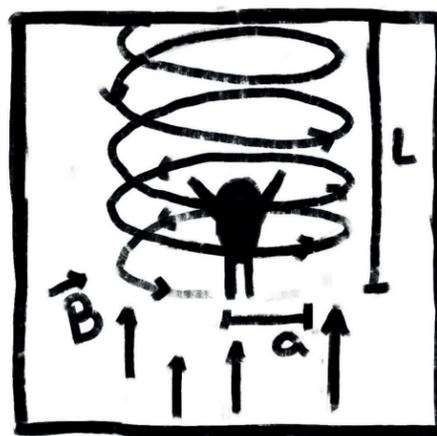
Fecho o aplicativo

Manhã, 7h16

Ainda é Idade Média?

Rodrigo Saito,
Engenharia Naval, 1º ano.

Politreco



(Cesar Hor e Alice [Todo gelo]) Grêmio P.

Arte e Cultura

SEMANA DA ARTE NA POLI: A CULTURA COAXA POR VOCÊ!

A Semana de Arte na Poli é um dos grandes eventos organizados pelo Grêmio Politécnico da USP, acontecendo neste ano entre os dias 29 de outubro e 1º de novembro. Já tradicional no ambiente politécnico e impactando também institutos adjacentes, a SAPO chega à sua 36ª edição, fruto do crescimento e afluência dos girinos que nadaram mais cedo neste ano. A ideia é justamente trazer manifestações artísticas e culturais em eventos abertos e que modifiquem o ambiente da Poli (também alcançando a USP como um todo) por uma semana. São oficinas, palestras, apresentações, intervenções, exposições e tudo o mais de arte que você puder pensar.

É um pouco sobre pintar um quadro sem se preocupar em calcular a área sob cada curva, ou em ter que representar um pôr do Sol em perspectiva isométrica. Escutar uma música sem pensar nos 440 Hz do lá. Escrever um poema sem ter que listar previamente as hipóteses simplificadoras e condições de contorno. Assistir a um filme tão profundo quanto uma aula de cálculo do Professor Possani. Ver em um palco, não uma palestra sobre carreira e inovação, mas atores, personagens de uma história tocante. E por aí vai...

Não é só, porém, um respiro das aulas e da graduação em si. A SAPO por vezes discutiu e debateu a união entre ciência e a arte. Afinal, é possível argumentar que muitas obras da engenharia são tão artísticas e intensas quanto a poesia de Hilda Hilst (ou tão confusas e sem sentido quanto um quadro do Pollock; ou tão insossas e de mau gosto quanto um Romero Britto).

Também, a Semana de Arte na Poli contribui para a formação de qualquer um que participe da sua organização

ou de algum de seus eventos. Afinal, de inteligência bruta o mundo está cheio; é a sensibilidade e humanidade da arte que nos faz diferentes de um computador e nos possibilita chegar ao fim da vida (ou em um melancólico domingo de noite) e poder dizer: "atesto aqui que verdadeiramente vivi!"

Ajude a construir a SAPO!

A Semana de Arte na Poli, além de já ser reconhecida por seus sucessos passados, é também um projeto que se renova a cada ano, aberto a qualquer estudante da Escola Politécnica que queira participar. É a sua chance (sim, estou falando de você que chegou até esta página do Jornal e, por isso, já tem meu respeito) de ajudar a construir eventos de impacto, à seu gosto, trazendo um pouco da arte que porventura lhe agrade.

As reuniões são semanais e, por si só, já valem a participação na organização dos eventos, uma vez que é um ambiente amigável e construtivo, com batatas fritas à mesa e mui distintas e simpáticas figuras (como esta que lhes dirige a palavra e o tal Diretor Cultural do Grêmio, entidade máxima e absoluta no mundo das artes e pelo qual nutro a maior estima; coisa que falo de livre vontade e de bolsos cheios, pois o tal diretor é também mui generoso).

As ditas excelentes e agradáveis reuniões ocorrem toda quinta-feira, às 11:00, no Grêmio. E não me venha com desculpas! Estudamos na mesma universidade e sei que nada de útil fazemos às quintas nesse horário. Esperamos ver você por lá! À arte!

SAPO A MAIOR ARTE É FAZER PARTE DELA

SEMANA DE ARTE NA POLI: UM PALCO PARA TODAS AS ARTES E TODOS OS PÚBLICOS

29 DE OUTUBRO A 1 DE NOVEMBRO

SE VOCÊ TEM UMA BANDA, O LÁPIS NA MÃO, UMA CARTA NA MANGA OU A PALAVRA NA PONTA DA LÍNGUA, SE VOCÊ CRIA, SE EXPRESSA, SE EMOCIONA, SEJA PARTE DESTA PROJETO ENVIANDO SUA ARTE OU SE APRESENTANDO.

OS PREPARATIVOS JÁ COMEÇARAM. CONTAMOS COM A SUA PRESENÇA!

REUNIÕES TODAS AS QUINTAS ÀS 11H NO GRÊMIO!

Enquanto faço o verso, tu decerto vives.
Trabalhas tua riqueza, e eu trabalho o sangue.
Dirás que sangue é o não teres teu ouro
E o poeta te diz: compra o teu tempo.

Contempla o teu viver que corre, escuta
O teu ouro de dentro. É outro o amarelo que te falo.
Enquanto faço o verso, tu que não me lês
Sorris, se do meu verso ardente alguém te fala.
O ser poeta te sabe a ornamento, desconversas:

"Meu precioso tempo não pode ser perdido com os poetas.
Irmão do meu momento: quando eu morrer
Uma coisa infinita também morre. É difícil dizê-lo:
MORRE O AMOR DE UM POETA.

E isso é tanto, que o teu ouro não compra,
E tão raro, que o mínimo pedaço, de tão vasto
Não cabe no meu canto

-Hilda Hilst

(Jubilo Memoria Noviciado da Paixao(1974) - Poemas aos Homens do nosso Tempo - XVI)



Siga o Instagram @arte-culturapoli.usp e não perca novidades sobre a SAPO!

